

Fernando Cristóvão



Drummond de Andrade

## Drummond e a poesia das coisas

“E agora, José?  
a festa acabou  
a luz apagou  
o povo sumiu  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos  
que ama, protesta?  
e agora, José?

.....  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

.....  
Você marcha, José!  
José, para onde?”

(José, 1942)

Este “e agora?” é para nós, não para ele, pois a resposta ele a conhece, já, depois de tantas interrogações, dúvidas e esperanças.

Para nós, o agora é o do legado notabilíssimo da obra drummondiana, construída, na sua expressão editorial, em quase sessenta anos e uma das mais notáveis da língua portuguesa.

Ao longo de todo este tempo, múltiplas têm sido as leituras da obra do poeta e cronista mineiro, de que nos tem dado boa conta, até há pouco, Otto Maria Carpeaux no seu repertório bibliográfico.

Leituras obviamente diversificadas de uma obra incomum e perturbadora, que dificilmente se enquadra e classifica. Dentre elas avultam as de António Houaiss, desde 48, observando o processo criador em luta com as palavras; a de Othon Moacyr Garcia, analisando as afinidades semânticas, entre as palavras-chave dos poemas; a de Luís Costa Lima, desenvolvendo uma teoria global da “corrosão”, no confronto da poesia com a realidade; a de Gilberto Mendonça Teles, avaliando a repetição como processo estilístico; a de Affonso Romano de Sant’Ana, medindo o alcance antilírico e anti-heróico do “vai, Carlos!, ser *gauche* na vida”.

Carlos Drummond de Andrade

A esse conjunto de estudos, de que os citados são momentos especiais de relevância, se juntam estas observações simples, em jeito de homenagem do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa ao grande poeta que acaba de nos deixar. Iniciamo-las com o apontar do paradoxo de que, sendo a obra drummondiana eminentemente antilírica e anti-retórica, avessa a elocubrações filosóficas, contudo, questiona de maneira muito forte a existência humana, insinuando e provocando questões que vão muito para além dos seus horizontes. Aliás, isso não é inteiramente original, pois existe uma verdadeira tradição do género, que tem muito a ver com a atitude picaresca de se entender a vida fugindo aos problemas, ou melhor, rodeando-os até os surpreender indefesos, sem necessidade de afrontamento. No fundo, não se trata de negar os valores estabelecidos, antes, de os rejeitar como próprios ou de os aceitar imediata e incondicionalmente. Tradição de que Charles Chaplin é modelo frequentemente evocado e que no *Fabiano*, de Graciliano Ramos, teve uma excelente tradução brasileira e sertaneja.

A identificação com Chaplin ocorre naturalmente:

“Era preciso que um poeta Brasileiro não dos maiores, porém dos mais expostos à galhofa, girando um pouco em tua atmosfera ou nela aspirando a viver ..... (viesse) para dizer-te como os brasileiros te amam.”

Esse questionamento original da condição humana resulta como um sedimento permanentemente depositado pelos poemas do quotidiano, evitando os lances retóricos e as palavras escolhidas, e acumulando-se como sabedoria progressiva.

Por tal facto, Drummond se nos afirma, antes de mais, como:

### **Incurioso das soluções e dos modelos já feitos**

É nesse sentido que parece mais inteligível o poema da “Máquina do Mundo”, de *Claro Enigma*. Seja ele réplica voluntária ou não à “grande máquina do mundo” do Canto X de Camões, é no contraste poemático que melhor se definem as ideias e as poéticas de ambos. Inclino-nos mesmo a crer que, apesar do poema-desmentido que os quis negar, foi em antítese a Camões que ele se estruturou, embora não em exclusivo, pois existe uma tradição clássica do tópico.



Prof. Fernando Cristovão

Um dia, numa estrada de Minas, o poeta encontra a máquina do mundo que, abrindo-se, se propõe revelar:

“Essa total explicação da vida,  
esse nexo primeiro e singular,  
que nem concebes mais, pois tão esquivo  
se revelou ante a pesquisa ardente  
em que te consumiste... vê, contempla,  
abre teu peito para agasalhá-lo.”

Porém, a oferta não recebeu nem aceitação nem recusa formal:

“Como se um dom tardio já não fora  
apetecível, antes despiciendo,  
baixei os olhos, incurioso, lasso  
desdenhando colher a coisa oferta  
que se abria gratuita a meu engenho.”

A atitude é perfeitamente lógica. Surpreendente seria a sua contrária. Pois como poderia aceitar uma solução já feita, exterior, se ao longo de tantos anos recusou as verdades que lhe apresentaram as instituições, o Estado, a religião, a moral e a ele lhe pareceram não resolver coisa nenhuma?

Não começou por verificar que a linearidade de qualquer percurso é ilusória, pois “no meio do caminho tinha uma pedra”? Não lhe ensinou a solidariedade com os outros homens, sobretudo com o homem anónimo e sem história, que o quotidiano é um amontoado de tristezas, trabalhos, frustrações, fomes, guerras e desespero? Que significam senão isso os poemas “Sentimental”, “Congresso Internacional do Medo”, “Poema do Jornal”, “Os Ombros Suportam o Mundo”, “Revelação do Subúrbio”, “A Flor e a Náusea”, “Morte no Avião”, “A Bomba” e dezenas de outros poemas?

Que outra coisa querem dizer as decepções provocadas pelo desconcerto do mundo onde tudo anda trocado, agora que o “Papai Noel às Avestas” é já a regra, e é tão grande a contradição confusa de “O Padre e A Moça” e dos “Dois Vigários”, agravada pela suposição de que até o próprio Deus anda triste (“Tristeza do Céu”)?

Em face desta realidade não se pode amar nem a Deus nem ao mundo (“São Francisco de Assis”, “Cantigas de Enganar”) porque nada tem sentido, tudo é fechado, nada vale a pena...

O silêncio e o voltar de costas à oferta da máquina do mundo é, também, uma resposta a Camões. Para este, o céu e a terra

proclamam a sabedoria harmoniosa de quem os criou e oferecem-na a quem os habita. Mas para o poeta itabirano há que procurar às escuras uma resposta ainda não encontrada, porque o tempo de agora é mais para perguntas que para respostas. É, acima de tudo, tempo de “Perguntas em Forma de Cavalo-Marinho”, visto que a ilusória “Cidade Prevista” anula as promessas que anuncia porque não passam de estereótipo ideológico:

“A que aspiramos?  
que possuímos?  
que relembramos?  
onde jazemos?”

Precisamente porque a resposta a uma qualquer solução não é dado prévio, mas conquista dolorosa, é que outro vector se impõe na compreensão da obra drummondiana. O da sentença de Protágoras, mas equacionada pelo avesso:

### **O homem é medido por todas as coisas**

Nesse mesmo poema de perguntas, interroga:

“Que metro serve  
para medir-nos?  
que forma é a nossa  
e que conteúdo?  
  
Contemos algo?  
somos contidos?  
dão-nos um nome?  
estamos vivos?”

Interrogações que se prolongaram em “Especulações em Torno da Palavra Homem”, em 36 tercetos que são outras tantas perguntas sobre o milagre, o sonho e a sombra da existência humana.

Não é simples jogo de palavras a inversão da frase de Protágoras, antes um novo modo de se encarar a realidade, distanciado do questionamento das filosofias essencialistas que, desde há séculos, governam a metodologia da inquirição do mundo e do destino do homem.

Tomando o ponto de vista contrário ao do filósofo, no modo de se entender o homem a partir de um conceito prévio, Drummond situa-se na melhor atitude existencialista: em vez de a essência

modelar a existência, é esta que a determina. O que, aliás, está em consonância com o que atrás afirmámos: o poeta observa curioso o mundo e incurioso a explicação que lhe querem dar.

É por isso tão importante a poesia das coisas, porque é no quotidiano que elas se oferecem puras e desarmadas, inocentes de qualquer conspiração explicativa.

Pelo mesmo motivo, são pouco importantes o lirismo, a retórica, os grandes gestos e os grandes homens. Dignos de atenção são os objectos e as pessoas sem importância nem história nem graça. Por isso, no trabalho poético da “Oficina Irritada” afirma:

“Eu quero/compor um soneto duro  
como poeta algum ousara escrever.  
Eu quero pintar um soneto escuro,  
seco, abafado, difícil de ler.

.....  
Esse meu verbo antipático e impuro  
há-de pungir, há-de fazer sofrer,  
tendão de Vénus sob o pedicuro.”

Se quisermos prosseguir na mesma isotopia interpretativa, ainda devemos entender que, para o autor de “Procura de Poesia”,

### **A palavra é a porta do ser**

Para ele, as palavras, não sendo antecedidas pelos conceitos, antes agentes criadores ou, pelo menos, provocadores deles, há que trabalhar duramente na sua obtenção, quer usando processos simples quer recorrendo aos formalistas da poesia objectual. É que as palavras boiam, à espera de serem investidas de sentido através de uma luta semelhante à de Jacob com o anjo, procedimento este que é anterior à teoria e moda concretistas.

Em “O Lutador” fica bem claro não ser a luta fácil:

“Luto corpo a corpo,  
luto todo o tempo,  
sem maior proveito  
que o da caça ao vento.  
Não encontro formas,  
é fluido o inimigo  
que me dobra os músculos  
e ri-se das normas  
da boa peleja.”

Mas só através dessa luta se chega às ideias e ao ser, porque não vale a pena tirar poesia das coisas, porque é nas palavras que ela reside, e por elas se chega às verdadeiras realidades, segundo o recomendado em “Procura de Poesia”:

“Penetra surdamente no reino das palavras  
lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intacta.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.”

Porque o mundo real é partido e de partidos, segmentado e plural, a poética que o significa não pode ser diferente. E é esse o estilo de quem conhece as confusões e escolhas possíveis do “isso é aquilo”. Tal como os romancistas e outros criadores literários inconformados à procura de uma nova ordem e de novas soluções, sejam elas do domínio social, moral, literário ou linguístico, o poeta lança mão dos inúmeros processos retóricos de desconstrução e reconstrução, abundando em toda a espécie de associações de palavras e conceitos, repetições, contrastes, elipses e sínopes, rimas difíceis e assonâncias mais do que é normal na escrita mansa dos líricos e narradores tranquilos. É que só a palavra complexa e segmentada pode aproximar ajustadamente de um mundo igualmente diverso e repartido, pois é ela que dá acesso ao ser.

Um poeta como Drummond não podia deixar de ser muito apreciado em Portugal, embora, pela própria natureza do seu temperamento e poesia, o seu nome não se impusesse com a facilidade simpática do de Bandeira.

E nesse apreço português gostaríamos de evidenciar o fraterno acolhimento e empatia de Vitorino Nemésio.

O autor de *O Verbo e a Morte*, embora muito diferente no fazer poético (para ele a porta do ser não era a palavra, o ser é que abria a inteligibilidade do verbo), tinha pelo colega brasileiro grande admiração. E de tanta simpatia que, para aliviar as agruras da doença, tomou um exemplar da *Viola de Bolso* (edição de 1955 da José Olímpio) e resolveu compor alguns poemas ao desafio com Drummond, tal como se ambos estivessem numa peleja nordestina. Esse exemplar encontra-se entre os seus inéditos e contém algumas quadras escritas à margem, replicando, por exemplo, a “Fonte Invisível”:

*Drummond e a poesia das coisas*

“Schmidt é pó, eu estou na cama  
velho e neurótico, hemiado.  
Ah! Como esquecerei?  
Carlos Drummond,  
o trampolim dos teus pretextos!  
Lava a minha alma nos teus textos.”

E, de modo semelhante, comentou em quadras paralelas poemas como “A Rosa do Tempo”, “Dança e a Alma” e, principalmente, contrapontou “O Gato Solteiro” com o seu “O Cão Casado”, e a “Ária de Casado em Julho” com uma cómica “Arieta de Solteirão em Junho”.

Mais profunda e larga foi a influência de Drummond entre nós, e dela certamente não faltarão estudos nos próximos tempos, mas a atitude de Nemésio pode valer como expoente.



**Referência**

CRISTOVÃO, F. - Drummond e a poesia das coisas. Revista ICALP, vol. 9, Outubro de 1987, 9-14.